VOX SCRIPTURAE
Revista Teológica Internacinal
eISSN 2447-7443

HISTÓRIA E HISTORIOGRAFIA DA IGREJA PRESBITERIANA RENOVADA DO BRASIL (1975)

HISTORY AND HISTORIOGRAPHY OF THE RENEWED PRESBITERIAN CHURCH OF BRAZIL (1975)

Rodrigo Pinto de Andrade
Doutor em História e Historiografia da Educação pela Universidade Estadual de Maringá (UEM), com Estágio Intercalar de Doutoramento no Instituto de Educação da Universidade de Lisboa (U-Lisboa). Professor Adjunto, lotado no Departamento de Fundamentos da Educação da Universidade Estadual de Maringá. ORCiD: orcid.org/0000-0001-6948-366X. E-mail: rodrigoandrade.uem@gmail.com.

Francielle Aparecida Garuti de Andrade
Doutora em Educação pelo Programa da Pós-Graduação da Universidade Estadual de Maringá. Professora Adjunta do Colegiado de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR). ORCiD: orcid.org/0000-0002-7376-0356. E-mail: garutiandrade@gmail.com.

Rogerio de Almeida de Souza
Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). ORCiD: orcid.org/0000-0001-5142-8953. E-mail: rogerio-teol@hotmail.com.

Seção: Artigos Diversos | Artigo Original
eISSN 2447-7443 | DOI 10.25188/2447.7443.2026v29.350
Editor-chefe: Alexander B. Stahlhoefer
Artigo recebido em 24 de fevereiro de 2026, modificações solicitadas em 18 de março de 2026 e aprovado pelo Conselho Editorial em 05 de maio de 2026, com base nas avaliações dos pareceristas *ad hoc*.
Conflito de interesse: Os autores declaram não haver conflito de interesses de qualquer natureza em relação ao presente artigo.

Licenciado sob uma Licença Creative Commons Atribuição – Não Comercial – Sem Derivações 4.0 internacional

Resumo

O objetivo deste texto é analisar o processo de pentecostalização das igrejas históricas brasileiras, que resultou na criação da Igreja Presbiteriana Renovada do Brasil (IPRB), no ano de 1975. O movimento que ficou conhecido como "renovação espiritual", ocorrido no seio das igrejas presbiterianas históricas, nas décadas de 1950-60, provocou importantes transformações no cenário religioso brasileiro e intensos embates entre os diferentes agentes que competiam pela hegemonia do sagrado no interior dessas organizações religiosas. As cisões ocorridas no campo presbiteriano, que resultaram na formação da IPRB, foram marcadas por acalorados debates teológicos, acirradas disputas políticas e ideológicas e lutas para demarcar posicionamentos. Trata-se de um estudo bibliográfico e documental. Para a efetivação da presente pesquisa, foram utilizadas as seguintes fontes: ata de fundação da IPRB; Jornal O Estandarte; Jornal Aleluia; depoimentos de agentes religiosos que participaram dos eventos; documentos produzidos pela IPI, IPB e IPRB no contexto das disputas no interior do campo presbiteriano e literatura especializada sobre a temática analisada.

Palavras-chave: Pentecostalismos. Presbiterianismo histórico. Pentecostalização. Igreja Presbiteriana Renovada do Brasil.

Absctract

The objective of this text is to analyze the process of Pentecostalization of Brazilian historical churches, which resulted in the creation of the Renewed Presbyterian Church of Brazil (IPRB) in 1975. The movement known as "spiritual renewal," which took place within historical Presbyterian churches during the 1950s and 1960s, led to significant transformations in the Brazilian religious landscape and to intense conflicts among the different agents competing for the hegemony of the sacred within these religious organizations. The schisms that occurred within the Presbyterian field, culminating in the formation of the IPRB, were marked by heated theological debates, intense political and ideological disputes, and struggles to define positions. This is a bibliographic and documentary study. For the development of this research, the following sources were used: the founding minutes of the IPRB; the newspaper O Estandarte; the newspaper Aleluia; testimonies of religious agents who participated in the events; documents produced by the IPI, IPB, and IPRB in the context of disputes within the Presbyterian field; and specialized literature on the subject analyzed.

Keywords: *Pentecostalism. Historic Presbyterianism. Pentecostalization. Renewed Presbyterian Church of Brazil.*

1 Introdução

Este texto tem por objetivo analisar o movimento de pentecostalização das igrejas históricas brasileiras, que resultou na criação da Igreja Presbiteriana Renovada do Brasil (IPRB), no ano de 1975. A história do presbiterianismo no Brasil teve início, propriamente, em 1859, com a chegada da missão norte-americana chefiada por Ashbel Green Simonton (1833-1867) e é marcada por divisões, sendo que a mais emblemática ocorreu em 1903, quando um grupo de líderes deixou a Igreja Presbiteriana do Brasil (IPB) para dar origem à Igreja Presbiteriana Independente (IPI). Ambas tiveram significativo avanço numérico e se consolidaram em todas as regiões do país.

Na década de 1960, sob a influência de líderes religiosos estrangeiros que vinham ao Brasil para promover eventos religiosos com ênfase na ideia de curas milagrosas, teve início um movimento que ficou conhecido como "renovação espiritual" e influenciou importantes setores das igrejas presbiterianas históricas, dando origem a outras denominações autônomas. No caso da Igreja Presbiteriana do Brasil, como consequência desse movimento, surgiu em 1969, a Igreja Cristã Presbiteriana (ICP). Já a Igreja Presbiteriana Independente, em 1972, passou por uma divisão que resultou na saída de diversos líderes e membros de todo território nacional, dando origem à Igreja Presbiteriana Independente Renovada (IPIR).

Na primeira metade da década de 1970, as duas recém-criadas denominações (ICP e IPIR), dissidentes do presbiterianismo histórico, iniciaram uma aproximação política e institucional que resultou na criação de uma nova denominação: Igreja Presbiteriana Renovada do Brasil (IPRB). Atualmente, a IPRB é a segunda maior igreja presbiteriana do país. Conta com cerca de cento e sessenta mil membros, mais de mil e quatrocentos templos e aproximadamente mil e quinhentos pastores, com presença em todos os estados da federação e em outros trinta e nove países.

Para discutir a temática proposta, inicialmente apresentaremos o movimento histórico de inserção dos protestantes no Brasil, com um particular destaque para o protestantismo de missão. Em seguida, analisamos os elementos históricos e sociais do pentecostalismo, bem como, sua inserção e desenvolvimento no Brasil. Abordaremos, também, o chamado movimento de "renovação espiritual", que resultou num processo de pentecostalização de importantes setores das igrejas presbiterianas históricas, a partir da década de 1950. Por fim, analisaremos o processo de criação da Igreja Presbiteriana Renovada do Brasil, em 1975, e sua consolidação no cenário evangélico brasileiro. Daremos uma particular ênfase à questão da identidade organizacional e teológica desta instituição religiosa.

2 Raízes históricas do Protestantismo no Brasil

A chegada dos primeiros protestantes ao Brasil está relacionada às imigrações de colonos alemães, na primeira metade do século XIX. Os imigrantes, por meio de uma política de mão-de-obra, tinham o propósito de explorar as regiões menos povoadas do país. Os primeiros luteranos chegaram por volta de 1824, fixando-se nas regiões de Nova Friburgo, no Rio de Janeiro e São Leopoldo, no Rio Grande do Sul[1].

Outro fluxo de imigrantes protestantes, ainda no Brasil Imperial, ocorreu com as missões vindas dos EUA, nomeadamente os metodistas. Embora as tentativas de implantação desse movimento no Brasil tenham ocorrido por volta de 1835, a primeira Igreja Metodista, efetivamente, só foi fundada em 1871, com a vinda do pastor Junius Newman, que acompanhava um grupo de imigrantes norte-americanos, que se estabeleceram na região de Santa Bárbara d'Oeste e Americana, no estado de São Paulo. Em 1878, no Rio de Janeiro, outra Igreja Metodista foi criada pelo missionário J.J. Ranson.

[1] PASSOS, J.D. A matriz católico-popular do pentecostalismo. In: PASSOS, J.D. (Org.). **Movimentos do Espírito:** matrizes, afinidades e territórios pentecostais. São Paulo: Paulinas, 2005, p. 47-78.

Nesse período, o metodismo expandiu-se para as regiões Sul e Sudeste do país[2].

Deste modo, pode-se dizer que os primeiros protestantes que se estabeleceram no país, de acordo com Mendonça: "foram basicamente de origem migratória isso se deve em virtude da abertura dos portos brasileiros ao comércio inglês"[3]. O propósito era preservar o patrimônio cultural, incluindo a religião, a língua e o sistema de interesses dos seus países de origem. Contudo, em um segundo momento, por volta de 1850, chegaram outras denominações protestantes com a finalidade explícita de disseminarem sua fé, trata-se do "protestantismo de missão"[4].

Nesse contexto, o presbiterianismo teve início no Brasil com chegada da comitiva chefiada por Ashbel Green Simonton (1833-1867), em 1859, na cidade do Rio de Janeiro. Oriundos dos EUA, os missionários que chegaram ao país defendiam a doutrina do Destino Manifesto, que, originalmente, foi usada para justificar a anexação de territórios mexicanos aos EUA[5].

De acordo com Mendonça[6], o protestantismo de missão que se instalou no país a partir do século XIX, veio imbuído de um projeto evangelizador, expansionista e civilizador, com ações pautadas na ideologia expansionista norte-americana chamada "Destino Manifesto", do *American way of life*, o que, de certa forma, sugere uma ideia de protestantismo como elemento central de um processo civilizador. De acordo com Vieira, pode-se afirmar que houve, nesse período, um trabalho de cooperação entre diversos grupos, como os liberais, os maçons, os republicanos, os protestantes e

[2] MESQUITA, Zuleica (Org.). **Evangelizar e civilizar**: cartas de Martha Watts. Piracicaba: Editora UNIMEP, 2001; MENDONÇA, Antônio Gouveia, VELÁSQUEZ FILHO, Prócoro. **Introdução ao protestantismo no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2002.
[3] MENDONÇA, Antônio Gouveia. **O celeste porvir**: a inserção do protestantismo no Brasil. 3. ed. São Paulo: Edusp, 2008.
[4] MENDONÇA, 2008.
[5] MENDONÇA, 2008; VELÁSQUEZ FILHO, 2002.
[6] MENDONÇA, 2008.

outros grupos minoritários contra o poder político da Igreja Católica no Brasil. Além disso, esses grupos buscaram, por meio do discurso de "progresso", criar condições para fortalecer a ideia de que era necessário valorizar o livre comércio e as negociações internacionais[7].

Assim, os grupos protestantes que se expandiram pelo Brasil entre os séculos XIX e início do século XX, estabeleceram a autogestão e a organização de maneira independente. Em alguns anos, o resultado foi uma profunda variação de denominações, notadamente, das igrejas oriundas das missões norte-americanas. Cabe destacar que, no século XIX, o país despertava o interesse econômico e político dos países europeus e dos EUA. Nesse sentido, podemos afirmar que o envio sistemático de missionários às terras tupiniquins não teve um caráter puramente eclesiástico, antes, fez parte de um movimento do imperialismo dos países centrais do capitalismo em direção às nações periféricas do sistema[8].

Após a consolidação institucional das igrejas presbiterianas históricas, o Brasil testemunhou uma nova leva de missionários, vinda dos EUA, porém, com uma perspectiva teológica diferente das primeiras expedições do protestantismo de missão, e com foco em um público que até aquele momento não havia sido alvo das ações evangelizadoras das igrejas históricas. Trata-se dos grupos norte-americanos vinculados ao Pentecostalismo, que, a partir do início do século XX, chegaram ao Brasil com o propósito criar igrejas nas diferentes regiões do país[9].

O discurso religioso veiculado pela tradição protestante considerava o Pentecostes apenas como um evento histórico, narrado na Bíblia Sagrada. Os pentecostais, por sua vez, salientaram que se tratava do cumprimento

---

[7] VIEIRA, David Gueiros. **O protestantismo, a maçonaria e a questão religiosa no Brasil.** 2. ed. Brasília: EUNB, 1980.

[8] MENDONÇA, Antônio Gouveia, VELÁSQUEZ FILHO, Prócoro. **Introdução ao protestantismo no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2002; LEONARD, E. **O protestantismo brasileiro**: estudo de eclesiologia e história social. São Paulo: ASTE, 2002.

[9] MARIANO, R. Expansão pentecostal no Brasil: o caso da igreja universal. In: **Estudos avançados**, v. 18, n. 52, 2004. p. 121-138.

das promessas divinas e, atribuíram ao evento histórico uma outra perspectiva, isto é, tratava-se de uma "bênção" disponível para as igrejas em todas as épocas e lugares. A pregação pentecostal encontrou ampla aceitação, especialmente entre as camadas populares e menos letradas da população brasileira. Podemos dizer que, à época, o protestantismo histórico, já consolidado no país, não foi capaz de conter o desenvolvimento e o avanço do pentecostalismo no Brasil[10].

3 Origens do Pentecostalismo no Brasil

O movimento pentecostal é caracterizado por uma ampla diversidade eclesial, pastoral e doutrinal. Há que se considerar, portanto, sua pluralidade. Neste sentido, não é possível falar em pentecostalismo, mas sim, em "pentecostalismos". Como fenômeno histórico recente, sua origem remonta ao início do século XX, nos Estados Unidos. Após os eventos ocorridos na Rua Azusa, em Los Angeles, o pentecostalismo, rapidamente, espalhou-se pelo mundo como um modelo de cristianismo.

Do ponto vista sócio-histórico e teológico, pode-se dizer que os pentecostismos romperam com as expressões tradicionais do cristianismo. Seu surgimento recompõe e mistura os territórios confessionais e seus elementos antigos e novos, passando a constituir um campo próprio dentro do protestantismo. As chamadas experiências com o Espírito Santo constituem-se como elementos distintivos das diferentes vertentes do movimento pentecostal[11].

[10] MESQUITA, Zuleica (Org.). **Evangelizar e civilizar**: cartas de Martha Watts. Piracicaba: Editora UNIMEP, 2001, p. 5-14.

[11] MARIANO, R. **Neopentecostais**: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil. São Paulo: Edições Loyola, 1999, p. 147-186; MENDONÇA, Antônio Gouveia. **O celeste porvir**: a inserção do protestantismo no Brasil. 3. ed. São Paulo: Edusp, 2008.

Paul Freston[12], destaca que a história do movimento pentecostal no Brasil pode ser compreendida a partir de "três ondas" de implantação de igrejas: a primeira, chamada de "pentecostalismo clássico", teve início na década de 1910, com a criação da Congregação Cristã no Brasil (1910) e das Assembleias de Deus (1911). A segunda onda, segundo Freston, ocorreu nas décadas de 1950 e 1960, com o surgimento da Igreja do Evangelho Quadrangular (1951), da Igreja Brasil Para Cristo (1955) e da Igreja Pentecostal Deus é Amor (1962). A terceira onda teve início nas décadas de 1970 e 1980, tendo a igreja Universal do Reino de Deus e a Internacional da Graça de Deus, como as mais importantes expressões dessa terceira onda.

Entre 1910 e 1911, chegaram ao Brasil os primeiros pregadores do pentecostalismo da primeira onda, o ítalo-americano Louis Francescon (1866-1964), em São Paulo e no Paraná e, os suecos Daniel Berg (1884-1963) e Adolph Gunnar Vingren (1879-1933), em Belém, no Pará. A primeira vertente do Pentecostalismo reproduziu no Brasil uma tipologia Norte Americana e abrangeu o período de 1910 a 1950. De acordo com Leonildo Silveira Campos[13], esse foi um período de fundação e domínio Pentecostal de duas denominações: a Igreja Cristã no Brasil e a Assembleia de Deus, que se caracterizavam pelo anticatolicismo, pela ênfase na crença no "batismo com o Espírito Santo" e por um ascetismo que rejeitava os valores do mundo e defendia a plenitude da vida moral.

Segundo Freston[14], dentre as instituições religiosas criadas no chamado pentecostalismo de "segunda onda", destacam-se a Igreja do Evangelho Quadrangular, fundada em 1951, pelo missionário norte-americano Harold Willians. Surgiram, também, outras duas denominações

[12] FRESTON, P. **Protestantes e política no Brasil**: da Constituinte ao Impeachment. 1993. 247f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Universidade Estadual de Campinas. Campinas, SP, 1993.
[13] CAMPOS, L.S. Protestantismo histórico e pentecostalismo no Brasil: Aproximações e conflitos. In: GUTIERREZ, B.; CAMPOS, L.S. **Na força do Espírito**: Os pentecostais na América Latina - um desafio às igrejas históricas. São Paulo: Pendão Real, 1996, p. 49-62.
[14] FRESTON, 1993.

pentecostais, com características essencialmente brasileiras: a Igreja O Brasil para Cristo (1955) e a Igreja Deus é Amor (1962), fundadas pelos missionários Manoel de Melo e David Miranda, respectivamente. O que caracterizou o pentecostalismo de "segunda onda" foi a ênfase nas chamadas curas miraculosas e o uso de programas radiofônicos como estratégia para alcançar um número mais expressivo de fiéis.

Ricardo Mariano salienta que essas denominações pentecostais fizeram uso de diferentes metodologias em suas ações evangelizadoras, tendo, por isso, obtido grande êxito. Esforçaram-se para oferecer um ambiente de acolhimento, com propósito de proporcionar às pessoas, um *senso* de pertencimento àquele grupo. Essa estratégia se mostrou eficaz, pois nas sociedades urbano-industriais, há uma forte tendência de experiências de isolamento e de solidão. Assim, ao propiciar um ambiente de acolhimento e pertencimento, as igrejas pentecostais obtiveram imediato sucesso. Outra estratégia utilizada foi a valorização do trabalho voluntário, desenvolvido por pessoas "leigas", que passaram a desempenhar funções de liderança no interior dessas instituições religiosas, contribuindo, decisivamente, para a consolidação e o avanço dos grupos pentecostais da chamada "segunda onda", especialmente nas ações direcionadas aos fiéis vinculados ao protestantismo histórico[15].

Em um contexto em que as igrejas históricas assistiam o grande processo de migração de seus membros para as denominações pentecostais, muitas acabaram fazendo uso de expedientes similares aos utilizados pelo pentecostalismo, com o propósito de evitar a perda de seus fiéis e no afã de alcançar novos adeptos. No caso das igrejas presbiterianas, a partir da década de 1950, teve início um movimento de pentecostalização, que trouxe

[15] MARIANO, 1999. WREGE, R.S. **As igrejas neopentecostais**: educação e doutrinação. 2001. 197f. Tese (Doutorado Educação). Universidade Estadual de Campinas. Campinas, SP, 2001.

significativas mudanças na estrutura teológica e organizacional dessas instituições religiosas[16].

Assim, podemos dizer que, sob a influência de pastores estrangeiros, que vinham ao Brasil para promover as chamadas "campanhas de avivamento", teve início um movimento conhecido como renovação espiritual, que influenciou importantes setores do protestantismo histórico no Brasil. Muitas igrejas presbiterianas abriram seus templos para a realização desses eventos que atraíam grande número de pessoas e deixavam como herança, sérios conflitos doutrinais, que posteriormente, geraram cisões no interior dessas denominações[17].

4 A Pentecostalização das Igrejas Históricas Brasileiras (1950-1960)

Na conjuntura das transformações sociais, culturais, políticas e econômicas ocorridas no seio da sociedade brasileira, os segmentos religiosos em geral e o protestantismo histórico, em especial, passaram por profundas modificações internas. A expansão da indústria, o êxodo rural, a urbanização e o crescimento das cidades causaram um forte impacto nas representações culturais e religiosas no Brasil. Nessa conjuntura, novas organizações religiosas emergiram e se consolidaram no campo religioso brasileiro, aumentando significativamente sua diversidade[18].

[16] LIMA, E.F.S. A Igreja Presbiteriana Independente do Brasil e o pentecostalismo. In: GUTIERREZ, B.; CAMPOS, L.S. (Org.). **Os pentecostais na América Latina**: um desafio às igrejas históricas: São Paulo: Pendão Real, 1996, p. 119-136.

[17] GINI, S. Conflitos no campo protestante: o movimento carismático e o surgimento da Igreja Presbiteriana Renovada (1965-1975). In: **Revista Brasileira de História das Religiões**. ANPUH, Ano III, n. 8, set. 2010, p. 121-163; CAMPOS, L.S. **Teatro, templo e mercado**: organização e marketing de um empreendimento neopentecostal. Petrópolis: Vozes, 2003.

[18] HOLLENWEGER, W.J. **El pentecostalismo**: historia y doctrinas. Buenos Aires: Editorial La Aurola, 1976.

O movimento denominado de "renovação espiritual", alcançou amplos setores das diferentes denominações históricas no Brasil. Desde a década de 1950, as igrejas históricas passaram a demonstrar um particular interesse por temáticas relacionadas à religiosidade carismático/pentecostal. O movimento de "renovação espiritual", que antes era tratado com certa indiferença pelas denominações históricas, passou a ser seu maior anseio, o que facilitou a penetração de um processo de pentecostalização no interior do presbiterianismo histórico no Brasil.

Nesse contexto, essas igrejas passaram a sofrer a influência de fatores extramuros e intramuros. Na dimensão externa, o ciclo de industrialização, as alterações estruturais na economia e na organização da sociedade brasileira, bem como, os desafios próprios da vida urbana, apresentavam-se como elementos desafiadores ao protestantismo histórico que, naquele período, exerceram grande influência em sua organização. Na dimensão interna, as igrejas históricas, nomeadamente as presbiterianas, tiveram que lidar com o esgotamento do modelo tradicional de organização religiosa em um cenário marcado por uma nova configuração social do país. De acordo com Leonildo Silveira Campos, foi justamente nesse panorama urbano e industrial, em franco processo de dessacralização, que as expressões religiosas carismáticas e pentecostais ganharam força e forma, passando a fazer parte da mentalidade de recomposição do campo religioso e das religiões tradicionais[19].

Nessa conjuntura, à margem das denominações históricas, começaram a surgir, também, os chamados movimentos autônomos, que propunham uma religiosidade "não institucional". Foi um momento em que expressivos grupos saíram das igrejas protestantes históricas, acrescentando aos nomes originais um adjetivo diferenciador, tais como: Irmandade

[19] PASSOS, J.D. **Pentecostais**: origens e começo. São Paulo: Paulinas, 2004.

Metodista Ortodoxa; Igreja Metodista Wesleyana; Igreja Cristã Presbiteriana; Igreja Presbiteriana Independente Renovada; Igreja Congregacional Independente, entre outras[20].

Podemos dizer que, neste período, houve uma vigorosa inserção do pentecostalismo no interior do protestantismo histórico brasileiro. Num primeiro momento, essa invasão pentecostal foi facilitada por uma atitude acolhedora das denominações históricas. De acordo com Campos, líderes das igrejas históricas calcularam que poderiam se valer de um reavivamento religioso "sem quaisquer custos institucionais, para retomar o crescimento perdido. Em todas as denominações, programavam-se campanhas para que um avivamento acontecesse"[21].

Ao optar por mobilizar seus fiéis para participar de eventos voltados para "renovação espiritual e avivamento", as denominações históricas abriram precedentes para inserção dos valores doutrinais e pastorais do pentecostalismo em suas práticas eclesiásticas. As igrejas presbiterianas, por exemplo, programavam campanhas de oração para que seus membros fossem mobilizados para "evangelizar". Fenômeno semelhante aconteceu, também, no campo Batista, especialmente, em Belo Horizonte/MG, por meio da atuação do pastor Enéas Togni[22].

Na esteira desse movimento surgiram sérias tensões entre aqueles que aderiam ao avivamento e as instituições eclesiásticas de origem, que passavam a ser alvo de severas críticas por sua rigidez institucional e doutrinal. Deste modo, é correto afirmar que o chamado processo de "renovação espiritual" contribuiu para o crescimento do pentecostalismo no Brasil e, especialmente, para o aumento de sua diversidade, por meio da criação de novas denominações autóctones. Por possuir uma natureza e uma teologia

[20] LIMA, 1996.
[21] CAMPOS, 1996, p. 97.
[22] SANTOS, J.F. **Jhonatan Ferreira dos Santos**: depoimento concedido em 17 de setembro de 2023 a Rodrigo Pinto de Andrade. São Paulo, 2023.

diferentes do protestantismo histórico e do pentecostalismo clássico, o movimento de "renovação espiritual" se tornou mais flexível e adaptado à realidade cultural brasileira[23].

Nesse cenário, as denominações vinculadas ao protestantismo histórico brasileiro, nomeadamente, as presbiterianas, transformaram-se numa arena de disputas pelo poder religioso. No interior do campo presbiteriano, iniciou-se uma disputa pelo monopólio do poder religioso entre os atores conservadores e os denominados "renovados". Na luta por esse monopólio, os líderes do movimento de "renovação espiritual" se basearam na ação pentecostal exercida pela força da experiência dos chamados dons espirituais. Os agentes do presbiterianismo histórico, por sua vez, fundamentaram suas ações na força de tipo racional, legitimada pelo aparelho burocrático-administrativo das respectivas denominações, em uma clara competição entre agentes e agências religiosas que, tinha como objetivo final, o controle do sagrado[24].

Deste modo, é possível afirmar que o processo de pentecostalização das igrejas históricas provocou grandes transformações no cenário religioso brasileiro. Influenciado pela conjuntura social e econômica e pelas mudanças ocorridas no seio da sociedade, todo o campo protestante foi impactado pelo movimento de "renovação espiritual", que criou as condições materiais necessárias para o surgimento de diferentes igrejas autônomas e de novas denominações religiosas.

[23] BARRERA, P. Matrizes Protestantes do Pentecostalismo. In: PASSOS, J.D. (Org). **Movimentos do Espírito**: matrizes, afinidades e territórios pentecostais. São Paulo: Paulinas, 2005, p. 79-113.

[24] CAMPOS, L.S. Pentecostalismo e Protestantismo "Histórico" no Brasil: um século de conflitos, assimilação e mudanças. In: **Horizonte**. Belo Horizonte, v. 9, n. 22, jul./set. 2011, p.504-533.

5 A Criação da Igreja Presbiteriana Renovada do Brasil (1975)

Em um processo de adaptação às transformações pelas quais passara a sociedade brasileira, o movimento de "renovação espiritual" obteve expressivo crescimento numérico e procurou se diferenciar dos pentecostalismos existentes, contribuindo, ainda mais, para a diversidade do campo religioso brasileiro que, desde então, tem se constituído num espaço cada vez maior para a criação de novas igrejas e recriação de novas expressões de religiosidade. Foi nesse contexto de surgimento de igrejas autônomas e de novas denominações carismático-pentecostais, que a Igreja Presbiteriana Renovada do Brasil (IPRB) foi criada[25].

Esse cenário pode ser caracterizado como uma "explosão pentecostal" no protestantismo brasileiro, com grande repercussão nas igrejas presbiterianas históricas, notadamente, na Igreja Presbiteriana Independente (IPI) e na Igreja Presbiteriana do Brasil (IPB), que sofreram divisões internas que deram origem a novas denominações religiosas[26].

No caso da IPB, de acordo com Gini[27], desde o início da década de 1960, havia um entendimento geral, inclusive de reconhecidos líderes da denominação, de que os chamados "pregadores avivalistas" eram enviados de Deus para colocar fim no "esfriamento espiritual" das igrejas históricas, que passavam por uma fase de estagnação numérica. Nesse contexto, cabe destacar a atuação do pastor Antônio Elias, um reconhecido líder da denominação que, durante todo aquele período, mostrou-se simpatizante e entusiasmado defensor do movimento de "renovação espiritual".

À época, havia quatro núcleos, em diferentes regiões do país, com líderes da Igreja Presbiteriana do Brasil que haviam aderido ao movimente

[25] VASCONCELLOS, P.L. **Fundamentalismos**: matrizes, presenças e inquietações. São Paulo: Paulinas, 2008.
[26] LIMA, E.F.S. O Espírito Santo e a renovação da igreja. In: **Boletim Teológico**. São Leopoldo, ano 3, n. 10, dez./1989, p. 5-19.
[27] GINI, 2010.

de renovação espiritual: Cianorte/PR; Goiânia/GO; São Paulo/SP e Vitória/ES. Esses grupos se desligaram da Igreja Presbiteriana do Brasil e formaram seus próprios presbitérios. Nesse processo, merece destaque a atuação de Jonathan Ferreira dos Santos, à época, um reconhecido pastor da IPB, que, desde o início da década de 1960, mostrara-se favorável ao movimento de pentecostalização. Conforme depoimento do pastor Jhonatan, seu primeiro contato com a "obra de avivamento" se deu por meio do pastor Enéas Togni, reconhecido líder da Igreja Batista que, à época, tinha escrito livros sobre avivamento e dava palestras sobre o tema em diversas regiões do país. De acordo com Jonathan Ferreira dos Santos:

> A convite do pastor Togni, fui a Belo Horizonte em um encontro de renovação espiritual. Na ocasião, recebi o batismo com o Espírito Santo. Quando retornei a Cianorte, a chama do fogo do Espírito havia sido acesa. Eu era um pastor presbiteriano com dons espirituais. Era convidado a pregar nas igrejas da região e minha grande ênfase era sobre a renovação espiritual e a necessidade do avivamento. Nesse período, tive direção de Deus para organizar o primeiro encontro de avivamento na cidade de Cianorte, em 1965, tornando-se, nos anos seguintes, um evento distintivo do movimento de renovação espiritual no estado do Paraná. Esse foi o foco do fogo do avivamento na Igreja Presbiteriana do Brasil.[28]

Como entusiasta das práticas carismáticas, Santos liderou um movimento que, em 1968, culminou com o desligamento de sua igreja local, em Cianorte/PR, da Igreja Presbiteriana do Brasil. Nesse contexto, as demais igrejas filiadas ao Presbitério de Cianorte, que envolvia os seguintes municípios: Paranavaí, Campo Mourão, Iporã e Ubiratã, todos no estado do Paraná, também aderiram ao movimento de renovação espiritual e, sob sua liderança, desligaram-se da IPB, formando, em 1969, a Igreja Cristã Presbiteriana (ICP).

[28] SANTOS, 2023.

No caso da Igreja Presbiteriana Independente, Gini[29], destaca que, em 1972, como fruto do movimento de "renovação espiritual", a denominação passou por sua mais severa divisão, resultando na saída de diversos pastores, líderes reconhecidos em todo território nacional e expressivos grupos de membros de diversas regiões do país, dando origem à Igreja Presbiteriana Independente Renovada (IPIR):

> O discurso oficial produzido pela IPI foi de que houve desobediência a decisões conciliares por conta dos excessos do pentecostalismo, doutrina estranha para aquela denominação de raiz histórica reformada. O da novel igreja foi o de que seguia as orientações do Espírito Santo.[30]

Depois de acalorados debates, nas diferentes instâncias denominacionais, e acirrada disputa pelo poder eclesiástico, um significativo grupo de pastores e presbíteros deixaram a IPI. Assim, no dia 8 de julho de 1972, reuniram-se na cidade de Assis/SP, com o propósito de organizar a Igreja Presbiteriana Independente Renovada (IPIR). A assembleia de fundação da igreja foi presidida pelo pastor Palmiro Francisco de Andrade e secretariada pelo presbítero Jamil Josepetti, com a presença de onze pastores e trinta e nove presbíteros. A primeira assembleia elegeu Palmiro Andrade como presidente, tendo como vice-presidente Abel Amaral Camargo. Após a criação da igreja, outros pastores, líderes e até mesmo igrejas locais inteiras se desligaram da Igreja Presbiteriana Independente[31].

No início década de 1970, teve início uma aproximação política e institucional entre a Igreja Cristã Presbiteriana (ICP) e a Igreja Presbiteriana Independente Renovada (IPIR). As tratativas e o encontros dos líderes das duas denominações aconteceram durante todo o ano de 1974. O primeiro encontro ocorreu na cidade de Assis/SP, onde se discutiu amplamente as diretrizes para a futura união. Um novo encontro acorreu em Arapongas, PR,

[29] GINI, 2010, p. 121-163.
[30] GINI, 2010, p. 122.
[31] A IPI do Brasil e o pentecostalismo na década de 1950. **Cadernos do Jornal O Estandarte**, São Paulo, jul. 2002.

no mês de julho, do mesmo ano. Foi nesse último evento que as recém-formadas denominações, dissidentes das igrejas presbiterianas históricas, decidiram celebrar uma aliança institucional e política, que resultou na criação da Igreja Presbiteriana Renovada do Brasil (IPRB)[32].

Após a reunião ocorrida em Arapongas/PR, no mês de julho de 1974, que celebrou a união provisória da IPC e da IPIR, criando a IPRB, ficou acordado entre os líderes denominacionais que o pastor Nilton Tuller seria o Presidente Provisório da recém-fundada denominação religiosa. Assim, de julho de 1974 até o dia 08 de janeiro de 1975, a Igreja Presbiteriana Renovada do Brasil teve Nilton Tuller como presidente provisório.

A Assembleia de criação da IPRB foi realizada em Maringá/PR, de 8 a 12 de janeiro de 1975, da qual participaram cerca de trezentas pessoas, representando a Igreja Cristã Presbiteriana e a Igreja Presbiteriana Independente Renovada, de todas as regiões do país. O Jornal Aleluia, órgão oficial de imprensa da denominação, em sua primeira edição, apresentou os seguintes dados: a IPRB iniciou suas atividades denominacionais com um total de 8.335 membros, 59 pastores, dos quais, 34 oriundos da IPIR e 25 da ICP, 29 evangelistas, 84 igrejas, 94 congregações e mais de 12 mil alunos matriculados na Escola Bíblica Dominical[33].

A seguir, apresentaremos a foto histórica, tirada no dia 08 de janeiro de 1975, quando da criação da Igreja Presbiteriana Renovada do Brasil, na cidade de Maringá/PR.

[32] A IPI do Brasil e o pentecostalismo na década de 1950. **Cadernos do Jornal O Estandarte**, São Paulo, jul. 2002.

[33] IGREJA PRESBITERIANA INDEPENDENTE RENOVADA. **Ata de fundação da Igreja Presbiteriana Independente Renovada**. Disponível em: https://iprb.org.br/historia/ipir/ipir_ata_fundacao.htm. Acesso em 17 de Ago. 2023.

Figura 1 - Foto tirada em frente ao templo da 1ª IPR de Maringá/PR, 1975.

Fonte: Acervo da Igreja Presbiteriana Renovada do Brasil.

A Igreja Presbiteriana Renovada do Brasil iniciou suas atividades com oito presbitérios. Com base na edição do Jornal Aleluia, de janeiro de 1975, apresentamos, a seguir, os nomes dos primeiros presbitérios que compunham a denominação no período de sua criação, bem como, suas respectivas jurisdições territoriais e seus primeiros presidentes.

> Assis: abrangendo o interior do Estado de São Paulo e o Estado de Mato Grosso Pr. Manoel Messias Pereira; Brasil Central: abrangendo o Distrito Federal e o Estado de Goiás, Pr. Sebastião Rodrigues dos Santos; Campo Mourão: abrangendo as igrejas do leste paranaense – Pr. Lauro Celso de Souza; Cianorte: abrangendo as cidades do Oeste do Paraná – Pr. Leopoldo Pereira da Mota; Grande São Paulo: abrangendo as igrejas da capital, das cidades próximas a São Paulo e Rio de Janeiro; Maringá: abrangendo o centro, norte e sul do Paraná e o estado de Santa Catarina, Pr. Nilton Tuller; Minas Gerais: abrangendo o Estado de Minas Gerais;

> Nordeste: abrangendo as igrejas situadas em Pernambuco e Paraíba, Pr. Otoniel Antônio de Souza Filho.[34]

Quando de sua fundação, os Presbitérios pioneiros da IPRB estavam localizados em diferentes regiões do Brasil, o que evidencia que a denominação, desde seus primórdios, esteve nos rincões do país, revelando sua capilaridade. Essa abrangência territorial dos diferentes presbitérios demonstra que a denominação não privilegiou apenas uma região do Brasil, mas, teve disposição para empreender ações missionárias em todos os rincões. Tal fato evidencia que o movimento de renovação espiritual não foi circunscrito a uma região, mas alcançou todas as localidades.

A primeira Assembleia Geral da IPRB, ocorrida em 08 de janeiro de 1975, elegeu o pastor Abel Amaral Camargo como o primeiro presidente com mandato integral da denominação. Eleito em 1975, reeleito sucessivas vezes, Camargo permaneceu no cargo até o final de 1988. Participou ativamente da organização e consolidação da IPRB. Nascido em Porangaba/SP, ingressou no Instituto José Manuel da Conceição (JMC), em Jandira/SP, em 1943. No ano de 1953, concluiu o curso de Teologia, em São Paulo, SP, mesma cidade onde foi ordenado ao ministério pastoral em 1954, pela Igreja Presbiteriana Independente (IPI). Foi um dos maiores entusiastas do movimento de "renovação espiritual"[35].

O segundo presidente eleito da denominação, foi Jamil Josepetti, que presidiu a instituição de 1989 a 2000. Foi um dos fundadores da IPRB e atuou na Diretoria Executiva da Igreja em todos os mandatos, desde a sua fundação, exercendo diferentes cargos eletivos, até chegar à presidência, em janeiro de 1989, tornando-se segundo presidente da denominação, permanecendo na função até janeiro de 2001. Josepetti é natural de São Manoel/SP. Concluiu a Faculdade de Direito em 1958, em Curitiba. Fixou residência em Maringá/PR, onde exerceu advocacia e ocupou cargos públicos,

[34] Primeiros Presbitérios da IPRB. **Jornal Aleluia**, Arapongas, PR, fev. 1975.
[35] Primeiro presidente da Igreja Presbiteriana Renovada do Brasil. **Jornal Aleluia**, Arapongas, PR, jan. 1989.

como conselheiro da OAB-Paraná, procurador do município, vereador, presidente da Câmara dos Vereadores. Mais tarde, recebeu o título de Cidadão Benemérito da cidade. Tendo feito sua profissão de fé na IPI, no final da década de 1950, aderiu, a partir de 1968, ao movimento de "renovação espiritual". Participou da organização da IPIR em 1972, bem como dos esforços para a união da IPIR com a ICP, em 1974[36].

Advanir Alves Ferreira é o terceiro e atual presidente da IPRB, eleito pela primeira vez, em janeiro 2001, pela XIV Assembleia Geral da denominação, sendo reeleito para sete mandatos consecutivos. Foi recebido na IPRB, em agosto de 1985, e ordenado ao ministério pastoral no dia 31/12/1988, pelo Presbitério de Maringá, Órgão Administrativo Pioneiro da Igreja, do qual é, também, o presidente desde 1992. Natural de Londrina/PR, reside em Maringá desde 1974. Formou-se em Ciências Econômicas, pela Universidade Estadual de Maringá (UEM), instituição na qual também foi professor no curso de Economia. Atuou na área administrativa como Secretário da Administração municipal de Maringá/PR, por quatro anos. Na área da teologia, concluiu o doutorado em 2008, pela Faculdade Teológica Sul Americana. Antes de assumir a presidência, exerceu o cargo de 1º Secretário da IPRB (1998-2000). Lecionou no Seminário Presbiteriano Renovado; foi presidente da Ordem de Pastores de Maringá (OPEM), por alguns mandatos.

A seguir, apresentaremos as fotos dos primeiros três presidentes da denominação. Da esquerda para direita estão: pastor Abel Amaral Camargo, primeiro presidente; pastor Jamil Josepetti, o segundo a ocupar o cargo; pastor Advanir Alves Ferreira, presidente da denominação, desde 2001.

[36] História da IPRB. **Jornal Aleluia.** Arapongas, PR, jan. 1989.

Figura 2 - Fotos dos três presidentes da história da IPRB.

Fonte: Acervo da Igreja Presbiteriana Renovada do Brasil.

Nas décadas seguintes, após sua fundação, a IPRB se consolidou no cenário evangélico brasileiro, ampliando sua atuação para todas as regiões do país e aumentando, significativamente, seu número de membros. Na esteira do crescimento numérico, a denominação investiu na formação de seus quadros internos por meio da criação de escolas de teologia, uma na região sul, em Cianorte/PR, e outra, no centro-oeste, em Anápolis/GO. Foi criada, também, uma editora própria, responsável pela produção dos materiais pedagógicos e institucionais, consumidos pelas igrejas locais da denominação e, uma agência missionária denominacional, responsável por gerenciar as atividades missionárias da IPRB no Brasil, e em outros países onde está presente[37].

[37] FERREIRA, A.A. **A IPRB na virada do milênio**. Arapongas, PR: Editora Aleluia, 2010.

5.1. Identidade organizacional da IPRB

A Igreja Presbiteriana Renovada do Brasil, como instituição religiosa, desenvolveu elementos organizacionais, pastorais e doutrinas que constituem sua identidade. A cultura organizacional da IPRB foi concebida como uma complexa relação entre as dimensões micro, *meso* e macro, isto é, envolve questões relativas à própria denominação e seus elementos internos, bem como, seus posicionamentos teológicos e disputas pessoais pelo poder eclesiástico nas instituições religiosas que lhe deram origem. Envolve, também, uma dimensão macro, que está relacionada às questões mais gerais da sociedade, isto implica afirmar que os elementos sócio-políticos e culturais do contexto em que a denominação foi criada, em alguma medida, influenciaram a construção histórica de sua identidade organizacional.

A estrutura organizacional da IPRB é orientada por um sistema representativo, em todas as instâncias. Seu organograma institucional envolve as dimensões nacional, regional e local. No âmbito local, cada igreja constitui-se numa entidade jurídica, formada por membros regularmente arrolados e é jurisdicionada por um Presbitério. A administração regional é realizada pelos Presbitérios, que são constituídos por igrejas locais e pelos pastores, que estão sob sua jurisdição territorial. Em âmbito nacional, a IPRB possui as seguintes instâncias: Assembleia Geral; Diretoria Administrativa e Diretoria Executiva[38].

À luz de sua trajetória histórica, é possível afirmar que a IPRB apresenta em sua identidade organizacional, influências das denominações presbiterianas que lhe deram origem, de seus agentes religiosos mais destacados, dos processos de urbanização vivenciado pela sociedade brasileira

[38] IGREJA PRESBITERIANA RENOVADA DO BRASIL. **Normas internas da IPRB**. Arapongas, PR: Ed. Aleluia, 2001.

no período em que fora criada e, das transformações sociais pelas quais o país passou naquela conjuntura histórica[39].

Na análise sobre a identidade organizacional da IPRB, vem à tona aspectos que a distingue das denominações presbiterianas históricas. Até mesmo em seu organograma é possível identificar elementos peculiares de gestão burocrático-institucional e do sagrado. As ações concretas de seus líderes fundadores contribuíram para a formação de uma identidade organizacional dinâmica, que, embora se caracterize como presbiteriana, em suas práticas pastorais, apresenta elementos da religiosidade pentecostal.

5.2. Identidade teológica da IPRB

Como resultado do movimento de renovação espiritual, a Igreja Presbiteriana Renovada do Brasil, em suas práticas pastorais, procurou se diferenciar das denominações presbiterianas históricas e, neste sentido, recebeu decisiva influência do pentecostalismo, em suas diferentes vertentes. Houve a incorporação de um modelo de religiosidade que sempre privilegiou as experiências carismáticas. Assim, no interior desta denominação religiosa, os chamados dons espirituais e o batismo com o Espírito não ficaram restritos apenas às conceituações teológicas, mas, foram incorporados na *práxis* litúrgica da Igreja e em sua organização institucional.

Portanto, podemos dizer que, ao incorporar, de modo elaborado e próprio, em sua identidade teológica, determinados elementos dos pentecostalismos, a IPRB, na constituição de seu arcabouço doutrinal, distanciou-se das igrejas presbiterianas históricas e, concomitantemente, distinguiu-se do pentecostalismo clássico. Podemos dizer, portanto, que a identidade teológica da IPRB está diretamente ligada ao movimento de

[39] ANDRADE, R.P; GARUTI DE ANDRADE, F.A; SOUZA, R.A.DE. Por uma Teologia da Renovação. In: **Jornal Renovado**. IPRB, ano IV, n. 17, set.-out./2022.

pentecostalização. Nesse sentido, seu perfil teológico é caracterizado por uma Teologia da Renovação[40].

É possível afirmar que a IPRB tem sua identidade teológica intimamente ligada à renovação espiritual. Suas doutrinas, práticas, ritos, formas e conteúdos religiosos constituem-se em elementos peculiares, que a distingue das igrejas presbiterianas históricas e, do movimento pentecostal clássico, embora tenha sido influenciada por estes. Evidencia-se, portanto, o empenho dos agentes religiosos da IPRB em conciliar na estrutura organizacional e teológica desta denominação religiosa, postulados teológicos do protestantismo histórico e do pentecostalismo. Neste sentido, é possível dizer que a identidade teológica da Igreja Presbiteriana Renovada do Brasil é carismática. A proposta de uma Teologia da Renovação privilegia as diferentes experiências no Espírito e suas variadas manifestações. O olhar para os textos sagrados é marcado pela percepção de que estes estão em relação circular e dialética com os dramas e as experiências humanas[41].

Pode-se dizer, portanto, que o *ethos* da Teologia da Renovação é experiencial. Nessa perspectiva, acredita-se que as manifestações carismáticas

[40] O conceito de Teologia da Renovação foi cunhado pelos autores para descrever a perspectiva teológica da IPRB. Esse conceito aponta para as influências que o movimento de pentecostalização exerceu na construção da identidade teológica desta denominação religiosa. Neste sentido, a premissa, dada como suposto, é que o movimento de "renovação espiritual" (embora seja temporal e historicamente demarcado), não deve ser percebido somente como um evento histórico do qual a IPRB é herdeira, mas sim, como um processo dinâmico, contínuo, que reverbera e influencia e, em grande medida, determina, o *modus operandi* do fazer teológico e das práticas eclesiais e pastorais da Igreja Presbiteriana Renovada do Brasil. Deste modo, pode-se dizer que a perspectiva teológica da IPRB, constitui-se como essencialmente dialógica, pois ao mesmo tempo em que recebeu influência e incorporou em sua práxis, pressupostos teológicos do presbiterianismo histórico, de feição calvinista, acolheu, também, elementos doutrinais próprios dos pentecostalismos. Deste modo, é possível afirmar que, é na relação dialética, de vai e vem (presbiterianismo histórico e pentecostalismos), que nasceu uma teologia com traços singulares, a qual, cunhamos de Teologia da Renovação.

[41] KÄRKKÄINEN, Veli-Matti. The Leaning Tower of Mission in a Postmodern Land' Ecumenical Reflections on Pentecostal Mission in the After Edinburgh World. In: **The Journal of the European Pentecostal Theological Association**, v. 30, n. 2, 2010, p. 82-93.

não precisam de mediações sacramentais ou litúrgicas. A experiência tem, portanto, uma epistemologia de caráter afetivo, na qual há espaço não somente para a argumentação analítica, mas considera, também, as emoções e os outros níveis da profundidade humana, não admitidos numa proposta de teologia totalmente racionalista, de viés teológico cessacionista. Em sua *práxis* litúrgica e pastoral, a IPRB confere uma particular ênfase às experiências com o Espírito Santo. Em sua hinologia, nos movimentos, nas lágrimas, risos e interações entre o celebrante e o auditório, é possível verificar a presença de elementos afetivos-experienciais. Tais características são definidoras da espiritualidade da renovação[42].

A partir da análise de Harvey Cox[43], podemos dizer que a experiência carismático-pentecostal da renovação, do qual a IPRB é herdeira, foi um movimento de rompimento com a perspectiva histórica cessacionista e, portanto, representou uma nova proposta de racionalidade, que privilegia a multiplicidade das experiências possíveis no âmbito da espiritualidade e dá lugar aos afetos e ao carisma. Podemos afirmar que a espiritualidade esposada pela Teologia da Renovação se propõe a tocar as mais profundas dimensões humanas e romper com as estruturas exclusivamente racionalistas.

6 Considerações finais

A análise dos dados revelados pelas fontes demostra que a Igreja Presbiteriana Renovada do Brasil é uma denominação cujo perfil organizacional, teológico e litúrgico pode ser caracterizado como híbrido,

[42] COX, H. **Fire from Heaven**: The Rise of Pentecostal Spirituality and the Reshaping of Religion in the Twenty-first Century. Reading, MA: Addison-Wesley, 1995; SMITH, J.K. A. What Hath Cambridge to do with Azusa Street? Radical Orthodoxy and Pentecostal Theology in Conversation. In: **PNEUMA**: The Journal of the Society for Pentecostal Studies, v. 25, n. 1, 2003, p.97-114.

[43] COX, Harvey. **Fire from Heaven**: The Rise of Pentecostal Spirituality and the Reshaping of Religion in the Twenty-first Century. Reading, MA: Addison-Wesley, 1995.

pois ao mesmo tempo em que se afirma como herdeira de uma tradição histórica vinculada ao presbiterianismo, de feição calvinista, em suas práticas pastorais, a instituição tem características do movimento pentecostal. Sua nominação como igreja Renovada, implica na constituição de um *corpus* doutrinal que defende a crença nas doutrinas dos pentecostalismos, mas, ao mesmo tempo, mantém um sistema de governo presbiteriano.

A pesquisa revelou, também, uma caraterística peculiar dessa instituição religiosa, que é sua capacidade de assimilação de valores e práticas diversas, evidenciando uma identidade teológica que está em constante diálogo com as diferentes manifestações do Sagrado. Trata-se de uma perspectiva teológica caracterizada pela capacidade de absorver e incorporar novas estratégias eclesiásticas e pressupostos teológicos, de acordo com os objetivos que emergem no campo carismático-pentecostal. Deste modo, podemos afirmar que a IPRB desenvolveu uma perspectiva teológica peculiar, que cunhamos de Teologia da Renovação.

Em relação a identidade organizacional, a Igreja Presbiteriana Renovada do Brasil, tal como aquelas denominações que lhe deram origem, preserva uma estrutura institucional que é perpassada por uma visão conservadora, que é própria dos movimentos de renovação e das denominações pentecostais.

Entendemos que ainda há muito para ser estudado sobre o processo de pentecostalização das igrejas históricas no Brasil. Podemos dizer que o chamado movimento de "renovação espiritual" causou profundas mudanças na estrutura, na organização e na teologia do presbiterianismo histórico brasileiro, produzindo as condições materiais para o surgimento de novas denominações de feição carismático-pentecostal. A Igreja Presbiteriana Renovada do Brasil foi criada nessa conjuntura histórica, por isso, é constitutivo de sua identidade organizacional e teológica, elementos próprios do contexto histórico que a gerou, caracterizando-a como uma organização

religiosa cuja identidade é essencialmente dialógica, pois em suas práticas litúrgicas e pastorais, demonstra pluralidade e constante mutabilidade.

Referências

6.1. Fontes documentais

Primeiros Presbitérios da IPRB. **Jornal Aleluia,** Arapongas, PR, fev. 1975.

Primeiro presidente da Igreja Presbiteriana Renovada do Brasil. **Jornal Aleluia,** Arapongas, PR, jan. 1989.

IGREJA PRESBITERIANA INDEPENDENTE RENOVADA. **Ata de fundação da Igreja Presbiteriana Independente Renovada**. Disponível em: https://iprb.org.br/historia/ipir/ipir_ata_fundacao.htm. Acesso em: 17 ago. 2023.

IGREJA PRESBITERIANA RENOVADA DO BRASIL. **Normas internas da IPRB**. Arapongas, PR: Ed. Aleluia, 2001.

A IPI do Brasil e o pentecostalismo na década de 1950. Cadernos do Jornal O Estandarte, São Paulo, jul. 2002.

SANTOS, Jhonatan Ferreira. **Jhonatan Ferreira dos Santos**: depoimento concedido em 17 de setembro de 2023 a Rodrigo Pinto de Andrade. São Paulo, 2023.

6.2. Literatura complementar

ANDRADE, R.P; GARUTI DE ANDRADE, F.A; SOUZA, R.A.DE. Por uma Teologia da Renovação. In: **Jornal Renovado**. IPRB, ano IV, n. 17, set.-out./2022.

BARRERA, P. Matrizes Protestantes do Pentecostalismo. In: PASSOS, J.D. (Org). **Movimentos do Espírito**: matrizes, afinidades e territórios pentecostais. São Paulo: Paulinas, 2005, p. 79-113.

CAMPOS, L.S. Pentecostalismo e Protestantismo “Histórico” no Brasil: um século de conflitos, assimilação e mudanças. In: **Horizonte**. Belo Horizonte, v. 9, n. 22, jul./set. 2011, p. 504-533.

CAMPOS, L.S. Protestantismo histórico e pentecostalismo no Brasil: Aproximações e conflitos, In: GUTIERREZ, B.; CAMPOS, L.S. **Na força do Espírito**: Os pentecostais na América Latina um desafio as igrejas históricas. São Paulo: Pendão Real, 1996, p. 49-62.

CAMPOS, L.S. **Teatro, templo e mercado:** organização e marketing de um empreendimento neopentecostal. Petrópolis: Vozes, 2003.

COX, Harvey. **Fire from Heaven**: The Rise of Pentecostal Spirituality and the Reshaping of Religion in the Twenty-first Century. Reading, MA: Addison-Wesley, 1995.

FERREIRA, A.A. **A IPRB na virada do milênio**. Arapongas, PR: Editora Aleluia, 2010.

FRESTON, P. **Protestantes e política no Brasil**: da Constituinte ao Impeachment. 1993. 247f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Universidade Estadual de Campinas. Campinas, SP, 1993.

GINI, S. Conflitos no campo protestante: o movimento carismático e o surgimento da Igreja Presbiteriana Renovada (1965-1975). In: **Revista Brasileira de História das Religiões**, ANPUH, ano III, n. 8, set. 2010, p. 121-163.

HOLLENWEGER, W.J. **El pentecostalismo**: historia y doctrinas. Buenos Aires: Editorial La Aurola, 1976.

KÄRKKÄINEN, Veli-Matti. The Leaning Tower of Mission in a Postmodern Land' Ecumenical Reflections on Pentecostal Mission in the After Edinburgh World. In: **The Journal of the European Pentecostal Theological Association**, v. 30, n. 2, 2010, p. 82-93.

LEONARD, E. **O protestantismo brasileiro**: estudo de eclesiologia e história social. São Paulo: ASTE, 2002.

LIMA, E.F.S. A Igreja Presbiteriana Independente do Brasil e o pentecostalismo. In: GUTIERREZ, B.; CAMPOS, L.S. (Org.). **Os pentecostais na América Latina**: um desafio às igrejas históricas. São Paulo: Pendão Real, 1996, p. 119-136.

LIMA, E.F.S. O Espírito Santo e a renovação da igreja. In: **Boletim Teológico**. São Leopoldo, ano 3, n. 10, dez./1989, p. 5-19.

MARIANO, R. Expansão pentecostal no Brasil: o caso da igreja universal. In: **Estudos avançados**, v. 18, n. 52, 2004. p. 121-138.

MARIANO, R. **Neopentecostais**: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

MENDONÇA, Antônio Gouveia, VELÁSQUEZ FILHO, Prócoro. **Introdução ao protestantismo no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2002.

MENDONÇA, Antônio Gouveia. **O celeste porvir**: a inserção do protestantismo no Brasil. 3. ed. São Paulo: Edusp, 2008.

MESQUITA, Zuleica (Org.). **Evangelizar e civilizar**: cartas de Martha Watts. Piracicaba: Editora UNIMEP, 2001.

PASSOS, J.D. A matriz católico-popular do pentecostalismo. In: PASSOS, J.D. (Org.). **Movimentos do Espírito**: matrizes, afinidades e territórios pentecostais. São Paulo: Paulinas, 2005, p. 47-78.

PASSOS, J.D. **Pentecostais**: origens e começo. São Paulo: Paulinas, 2004.

SMITH, J.K. A. What Hath Cambridge to do with Azusa Street? Radical Orthodoxy and Pentecostal Theology in Conversation. In: **PNEUMA**: The Journal of the Society for Pentecostal Studies, v. 25, n. 1, 2003, p.97-114.

VASCONCELLOS, P.L. **Fundamentalismos**: matrizes, presenças e inquietações. São Paulo: Paulinas, 2008.

VIEIRA, David Gueiros. **O protestantismo, a maçonaria e a questão religiosa no Brasil**. 2. ed. Brasília: EUNB, 1980.

WREGE, R.S. **As igrejas neopentecostais**: educação e doutrinação. 2001. 197f. Tese (Doutorado Educação). Universidade Estadual de Campinas. Campinas, SP, 2001.